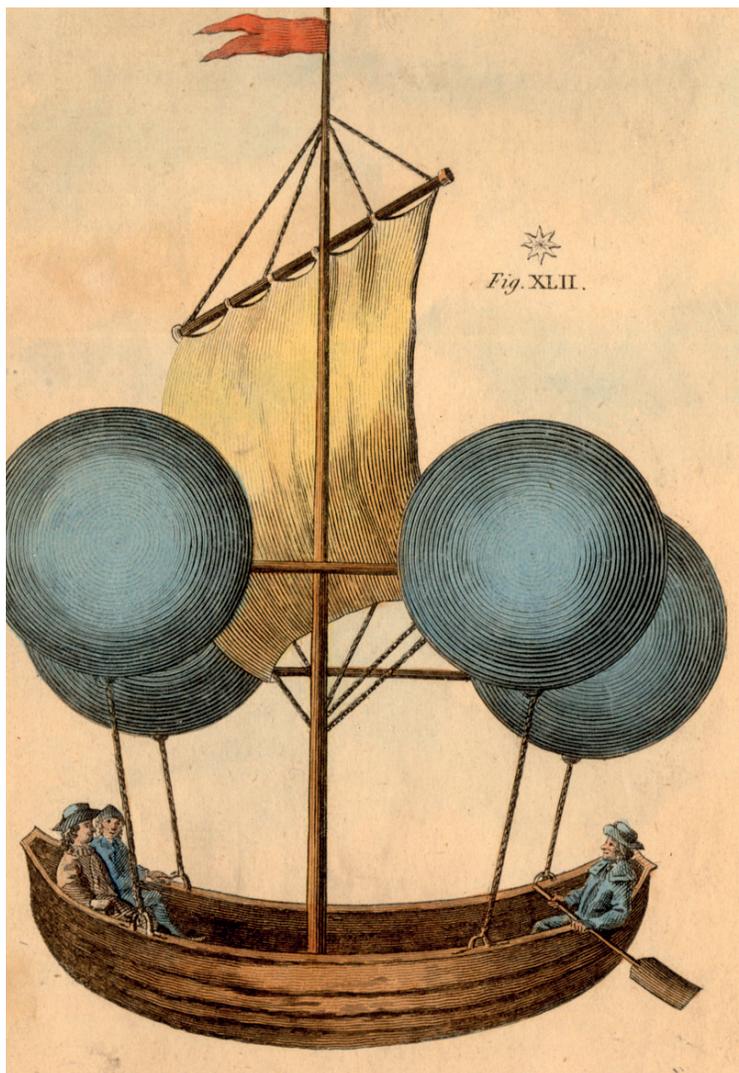


Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 50 jan-jun 2024 ISSN 1413-6651

IMAGEM A gravura do século XVIII, colorida à mão, apresenta o “navio voador” originalmente concebido pelo jesuíta e cientista italiano Francesco Lana de Terzi em seu *Pródromo, ouero, saggio di alcune inuentioni nuoue, premesso all'arte maestra* de 1670. A embarcação apresentaria quatro esferas de cobre que seriam evacuadas em vez de preenchidas, elas supostamente seriam leves o suficiente para levantar o peso da nave. O *Pródromo* teve grande repercussão na comunidade científica do século XVII, inclusive, sobre Leibniz e a Royal Society.

TRADUÇÃO

PASCAL E A APOSTA: TRADUÇÃO DO FRAGMENTO “INFINITO NADA” E DE ALGUNS FRAGMENTOS CORRELATOS

Flavio Fontenelle Loque,
Professor, Universidade Federal de Lavras,
Lavras, Brasil
flavioloque@yahoo.com

INTRODUÇÃO

Entre os vários fragmentos dos *Pensamentos*, de Blaise Pascal (1623-1662), talvez nenhum seja tão célebre quanto o “Infinito nada”, conhecido como fragmento da aposta (Laf 418, LG 397, Sel 680). Preservado num manuscrito de duas folhas cujas quatro páginas foram completamente preenchidas com escritos em várias direções (e com remissões feitas por meio de pequenos símbolos), não apenas seu sentido é objeto de disputa, mas a própria composição do texto é controversa. Lafuma, por exemplo, julgou haver no manuscrito anotações que não diriam respeito à aposta e, por isso, classificou algumas delas como fragmentos autônomos (Laf 419-426). Le Guern, por sua vez, recorreu a notas de rodapé para vincular a pontos específicos do fluxo do raciocínio as anotações que Lafuma considerara independentes. Já Sellier reproduziu todo o conteúdo do manuscrito de maneira linear, separando com um traço os trechos que o próprio Pascal havia assim separado.

Na tradução a seguir, optou-se pela edição do fragmento “Infinito nada” que se encontra na plataforma *Les “Pensées” de Blaise Pascal* dirigida por Descotes e Proust. O estabelecimento textual é muito próximo ao de Sellier, mas o trabalho minucioso dos diretores na “transcrição crítica” justifica a escolha. A rigor, optou-se pelo que a plataforma chama de “texto moderno” (versão sem abreviaturas, com ortografia atualizada e pontuação), mas acrescentando-lhe as variações indicadas na “transcrição crítica”. O resultado é um texto que permite ver as alterações realizadas por Pascal em seu processo de escrita, notadamente os trechos riscados e substituídos por novas formulações. Mais raramente, por meio de grifos, Descotes e Proust transmitem as ênfases existentes nos manuscritos.¹ Quanto aos fragmentos correlatos ao “Infinito nada”, adotou-se o mesmo procedimento para estabelecer o texto.

Ao que parece, a presente tradução do fragmento “Infinito nada” é a primeira no Brasil com base no estabelecimento textual mais rigoroso, já que as traduções em circulação (ao menos as duas principais, feitas por Milliet e Laranjeira) partem de versões hoje superadas (respectivamente, as edições de Brunschvicg e Lafuma). A decisão de publicá-la em conjunto com alguns fragmentos correlatos se explica pelo intuito de fornecer uma visão mais ampla do raciocínio de Pascal, sobretudo no que diz respeito à influência do autômato sobre o espírito, ou seja, à relação entre hábito e crença. Esse é o cerne do fragmento “Infinito nada”, versão mais bem acabada, ainda que inconclusa, do que seria a “carta de retirar os obstáculos” (Laf 11, LG 9, Sel 45).²

A tradução do conjunto de fragmentos selecionados certamente coloca desafios que vão além do estabelecimento textual. Um deles convém mencionar: o substantivo *parti*. O termo possui um sentido técnico

1 Sobre os desafios do estabelecimento textual, cf. Cantillon (2014a, p. 19-96; 2014b, 2014c).

2 Cf. Sellier (1992).

na expressão *règle des partis*, a qual corresponde a um problema bastante específico: quando jogadores resolvem interromper um jogo de azar em pleno andamento, como distribuir justamente o que caberia a cada um, considerando que o valor que de início apostaram deve agora ser proporcional às chances desiguais de perda e ganho?³ Talvez uma tradução razoável da expressão seja *regra das partilhas*. Ironicamente, porém, mesmo em fragmentos em que se desenvolve um raciocínio baseado no jogo, como o “Infinito nada”, a tradução de *parti* por *partilha* é inviável. Comum fora do contexto matemático, o termo admite outros significados e, assim, outras traduções, como *partido* e *decisão* (não se deve confundi-lo com *partie*, com *e* no final, que significa *parte* e *partida*). Não tendo sido possível encontrar uma solução única satisfatória, decidiu-se acrescentar *parti* entre colchetes ao texto de chegada e tecer breves comentários em nota.⁴

Na elaboração do presente trabalho, além das traduções portuguesas já mencionadas, foram consultadas a tradução inglesa de Honor Levi e a italiana de Maria Vita Romeo. Por praticidade, todos os fragmentos estão identificados conforme as ordenações de Lafuma, Le Guern e Sellier, mesmo que o texto de suas respectivas edições não corresponda exatamente ao proposto por Descotes e Proust.⁵

3 A definição de *parti* encontra-se no *Tratado do Triângulo Aritmético*, cf. Pascal (1970, t. II, p. 1308).

4 O desafio tradutório se torna ainda maior quando se levam em conta outros dois problemas tratados por Pascal: *parti des dés* e *parti des parties*. Mesnard oferece uma exposição sintética desses dois problemas em sua introdução à correspondência entre Pascal e Fermat, cf. Pascal (1970, t. II, p. 1134).

5 Agradeço ao João Cortese pelas sugestões à tradução e pela indicação em conversa pessoal dos outros dois problemas tratados por Pascal e Fermat, ambos mencionados em Cortese (2023, p. 379).

Laf 418 (LG 397, Sel 680)

Infini rien.

Notre âme est jetée dans le corps où elle trouve nombre, temps, dimensions, elle raisonne là-dessus et appelle cela nature, nécessité, et ne ~~peut~~ peut croire autre chose.

L'unité jointe à l'infini ne l'augmente de rien, non plus qu'un pied à une mesure infinie, le fini s'anéantit en présence de l'infini et devient un pur néant. Ainsi notre esprit devant Dieu. Ainsi notre justice devant la justice divine. Il n'y a pas si grande disproportion entre notre justice et celle de Dieu qu'entre l'unité et l'infini.

Il faut que la justice de Dieu soit énorme comme sa miséricorde. Or la justice envers les réprouvés est moins ~~énorme que~~ énorme et doit moins choquer que la miséricorde envers les élus.

Nous connaissons qu'il y a un infini, et ignorons sa nature, comme nous savons qu'il est faux que les nombres soient finis, donc il est vrai qu'il y a un infini en nombre, mais nous ne savons ce qu'il est. Il est faux qu'il soit pair, il est faux qu'il soit impair, car en ajoutant l'unité il ne change point de nature. Cependant c'est un nombre, et tout nombre est pair ou impair. Il est vrai que cela s'entend de tout nombre fini.

Ainsi on peut bien connaître qu'il y a un Dieu sans savoir ce qu'il est.

~~Mais~~ Nous connaissons donc l'existence et la nature du fini ~~Nous~~ parce que nous sommes finis et étendus comme lui.

Infinito nada.

Nossa alma é lançada no corpo, onde encontra número, tempo, dimensões, ela raciocina por meio disso e chama isso de natureza, necessidade, e não ~~quer~~ pode crer noutra coisa.

A unidade acrescentada ao infinito não o aumenta em nada, não mais do que um pé a uma medida infinita; o finito se aniquila na presença do infinito e se torna um puro nada. Assim é nosso espírito diante de Deus. Assim é nossa justiça diante da justiça divina. Não há tão grande desproporção entre nossa justiça e a de Deus quanto entre a unidade e o infinito.

É preciso que a justiça de Deus seja enorme como a sua misericórdia. Ora, a justiça para com os réprobos é menos ~~enorme que~~ enorme e deve chocar menos do que a misericórdia para com os eleitos.

Sabemos que há um infinito e ignoramos sua natureza, como sabemos que é falso que os números sejam finitos; logo, é verdadeiro que há um infinito em número, mas não sabemos o que ele é. É falso que seja par, é falso que seja ímpar, pois, acrescentando a unidade, ele não muda de natureza. Entretanto, é um número e todo número é par ou ímpar. É verdadeiro que isso se aplica a todo número finito.

Assim, pode-se bem saber que há um Deus sem saber o que ele é.

Mas Conhecemos, portanto, a existência e a natureza do finito Nós porque somos finitos e extensos como ele.

Nous connaissons l'existence de l'infini ~~et de la nature~~, et ignorons sa nature, parce que ~~nous avons rapport à lui par l'étendue et disproportion avec lui par les limites~~ il a étendue comme nous, mais non pas des bornes comme nous.

Mais nous ne connaissons ni l'existence ni la nature de Dieu, parce qu'il n'a ni étendue, ni bornes.

Mais par la foi nous connaissons son existence, par la gloire nous connaissons sa nature.

Or j'ai déjà montré qu'on peut bien connaître l'existence d'une chose sans connaître sa nature.

Parlons maintenant selon les lumières naturelles.

S'il y a un Dieu, il est infiniment incompréhensible, puisque n'ayant ni parties ni bornes il n'a nul rapport à nous. Nous sommes donc incapables de connaître ni s'il ce qu'il est, ni s'il est. Cela étant, qui osera entreprendre de résoudre cette question? Ce n'est pas nous qui n'avons aucun rapport à lui.

Qui blâmera donc les chrétiens de ne pouvoir rendre raison de leur créance, eux qui professent une religion dont ils ne peuvent rendre raison? Ils déclarent en l'exposant au monde que c'est une sottise, *stultitiam*: et puis vous vous plaignez de ce qu'ils ne la prouvent pas. S'ils la prouvaient, ils ne tiendraient pas parole. C'est en manquant de preuve qu'ils ne manquent pas de sens. – Oui, mais encore que cela excuse ceux qui l'offrent telle, et que cela les ôte du blâme de la produire sans raison, cela n'excuse pas ceux qui la reçoivent. Examinons donc ce point et disons: Dieu est ou il n'est pas. Mais de quel côté pencherons-nous? La raison n'y peut rien déterminer. Il y a un chaos infini qui nous sépare. Il se joue un jeu ~~dans~~ à l'extrémité de cette distance infinie, où il arrivera croix ou pile. Que gagerez-vous? Par raison vous ne pouvez faire ni l'un ni l'autre. Par raison vous ne pouvez défendre nul des deux.

Conhecemos a existência do infinito e da natureza e ignoramos sua natureza porque ~~temos relação com ele pela extensão e desproporção com ele pelos limites~~ ele tem extensão como nós, mas não limites como nós.

Contudo, não conhecemos nem a existência nem a natureza de Deus porque ele não tem nem extensão nem limites.

Contudo, pela fé, conhecemos sua existência; pela glória, conheceremos sua natureza.

Ora, já mostrei que bem se pode conhecer a existência de uma coisa sem conhecer sua natureza.

Falemos agora segundo as luzes naturais.

Se há um Deus, ele é infinitamente incompreensível, pois, não tendo nem partes nem limites, não tem relação alguma conosco. Somos, portanto, incapazes de conhecer seja se o que ele é, seja se ele existe. Sendo assim, quem ousará tentar resolver essa questão? Não somos nós, que não temos relação alguma com ele.

Quem criticará, portanto, os cristãos por não poder dar razão de sua crença, eles que professam uma religião da qual não podem dar razão? Eles declaram, ao expô-la ao mundo, que é uma tolice, *stultitiam*,¹ e vós ainda vos queixais por eles não a provarem. Se a provassem, não manteriam a palavra. É carecendo de prova que não carecem de sentido. – Sim, mas, embora isso escuse aqueles que a oferecem desse modo e os exima da crítica de apresentá-la sem razão, isso não escusa aqueles que a recebem.² Examinemos então esse ponto e digamos: Deus existe ou não existe. Contudo, para qual lado nos inclinaremos? A razão nada pode determinar a esse respeito. Há um caos infinito que nos separa. Joga-se um jogo ~~nessa~~ na extremidade dessa distância infinita na qual dará cara ou coroa. Em que apostareis? Pela razão, não podeis sustentar nem uma, nem outra. Pela razão, não podeis recusar nenhuma das duas.

Ne blâmez donc pas de fausseté ceux qui ont pris un choix, car vous n'en savez rien. – Non, mais je les blâmerai d'avoir fait, non ce choix, mais un choix, car encore que celui qui prend croix et l'autre soient en pareille faute, ils sont tous deux en faute. Le juste est de ne point parier.

Oui, mais il faut parier. ¶ Cela n'est pas volontaire, vous êtes embarqué. Lequel prendrez-vous donc? Voyons. Puisqu'il faut choisir, ~~votre~~ voyons ce qui vous intéresse le moins. Vous avez deux choses à perdre: le vrai et le bien, et deux choses à engager, votre raison et votre volonté, votre connaissance et votre béatitude; et votre nature a deux choses à fuir: l'erreur et la misère. Votre raison n'est pas plus blessée, ~~quand'il~~ puisqu'il faut nécessairement choisir, en choisissant l'un que l'autre. Voilà un point vidé. Mais votre béatitude? ~~Voyons si vous prenez~~ Pesons le gain et la perte en prenant croix que Dieu est ~~et que vous perdiez, que perdez~~. Estimons ces deux cas: si vous gagnez, vous gagnez tout, ~~et~~ si vous perdez, vous ne perdez rien. Gagez donc qu'il est sans hésiter. – Cela est admirable. Oui, il faut gager. Mais je gage peut-être trop. Voyons. ~~Qua~~ Puisqu'il y a pareil hasard de gain et de perte, si vous n'aviez qu'à gagner deux vies pour une, vous pourriez encore gager. Mais s'il y en avait trois à gagner, il faudrait jouer (puisque vous êtes dans la nécessité de jouer), et vous seriez imprudent, ~~en~~ lorsque vous êtes forcé à jouer, de ne pas ~~jouer ce je~~ hasarder votre vie pour en gagner trois à un jeu où il y a pareil hasard de perte et de gain. Mais il y a une éternité de vie et de bonheur. Et cela étant, quand il y aurait une infinité de hasards dont un seul serait pour vous, vous auriez encore raison de gager un pour avoir deux, et vous ~~auriez tort de~~ agiriez de mauvais sens, étant obligé à jouer, de refuser de jouer une vie contre trois à un jeu où d'une infinité de hasards il y en a un pour vous, s'il y avait une infinité de ~~bien~~ vie infiniment heureuse à gagner: mais il y a ~~ici~~ une infinité de vie infiniment heureuse à gagner, ~~et autant de hasard de gain que~~ un hasard de gain contre un nombre fini de hasards de perte, ~~cela est tout~~ et ce que vous jouez est fini. Cela ôte tout parti. Partout où est l'infini et où il n'y a

Não critiqueis, portanto, por falsidade os que fizeram uma escolha, pois nada sabeis a esse respeito. – Não, mas os criticarei por terem feito não esta escolha, mas uma escolha, pois, embora aquele que escolhe cara e o outro cometam um erro semelhante, todos os dois estão no erro. O correto é não apostar.

Sim, mas é preciso apostar. ~~Trata-se~~ Isso não é voluntário, vós estais embarcado. Qual escolhereis então? Vejamos. Dado que é preciso escolher, ~~vosso~~ vejamos o que vos interessa menos. Tendes duas coisas a perder: o verdadeiro e o bem; e duas coisas a empenhar: vossa razão e vossa vontade, vosso conhecimento e vossa beatitude; e vossa natureza tem duas coisas das quais fugir: o erro e a miséria. Vossa razão não fica mais ofendida, ~~quan-~~ ~~do~~ dado que é preciso necessariamente escolher, escolhendo um em vez de outro. Eis um ponto pacífico. Contudo, e vossa beatitude? ~~Vejamos: se escolheis~~ Pesemos o ganho e a perda, escolhendo cara, que Deus existe e que perdêsseis, ~~o que perdeis~~. Avaliemos esses dois casos: se ganhades, ganhareis tudo; e se perderdes, nada perdereis. Apostai, portanto, que Deus existe sem hesitar.³ – Isso é admirável. Sim, é preciso apostar, mas talvez eu esteja apostando demais. Vejamos. ~~Quando~~ Dado que há igual chance de ganho e perda, se tivésseis a ganhar somente duas vidas por uma, poderíeis ainda apostar. Contudo, se houvesse três a ganhar, seria preciso jogar (pois estais na necessidade de jogar) e seríeis imprudente, ~~ao~~ quando sois forçado a jogar, em não ~~jogar esse jogo~~ arriscar vossa vida para ganhar três num jogo em que há igual chance de perda e ganho. Contudo, há uma eternidade de vida e de felicidade. Sendo assim, se houvesse uma infinidade de chances das quais uma única vos seria favorável, ainda teríeis razão para apostar uma para ganhar duas e ~~estardes errado~~ agiríeis mal, estando obrigado a jogar, em vos recusar a jogar uma vida contra três num jogo em que, de uma infinidade de chances, há uma que vos é favorável, se houvesse uma infinidade de ~~bem~~ vida infinitamente feliz para ganhar. Contudo, há aqui uma infinidade de vida infinitamente feliz para ganhar, e ~~tanta chance de ganho~~ ~~quanto~~ uma chance de ganho contra um número finito de chances de perda ~~isso é tudo~~ e o que jogais é finito. Isso exclui qualquer outra opção [*parti*].⁴

pas infinité de hasards de perte contre celui de gain, il n'y a point de parti à balancer, il faut tout donner. Et ainsi, quand on est forcé à jouer, il faut ~~avant~~ renoncer à la raison pour ~~choisir~~ garder la vie ~~sans~~ plutôt que de la hasarder pour le gain infini aussi prêt à arriver que la perte du néant.

Car il ne sert de rien de dire qu'il est incertain si on gagnera, et qu'il est certain qu'on hasarde, et que l'infinie distance qui est entre la certitude de ce qu'on ~~hasarde~~ s'expose et l'incertitude de ce qu'on gagnera égale le bien fini qu'on ~~hasarde~~ expose certainement à l'infini qui ~~peut arriver~~ n'est est incertain. Cela n'est pas ainsi. Tout ~~jeu~~ joueur hasarde avec certitude, pour gagner avec incertitude, et néanmoins il hasarde certainement le fini pour gagner incertainement l'~~infini~~ le fini, sans pécher contre la raison. Il n'y a pas infinité de distance entre cette certitude de ce qu'on s'expose et l'incertitude du gain. Cela est faux. Il y a à la vérité infinité entre la certitude de gagner et la certitude de perdre, l'incertitude est ce qui fait et donne lieu au ~~parti qui détermine exactement ce qui appartient et~~ mais l'incertitude de gagner est proportionnée à la certitude de ce qu'on hasarde selon la proportion des hasards de gain et de perte. Et de là vient que, s'il y a ~~de~~ autant de hasards d'un côté que de l'autre, le parti est à jouer égal contre égal. Et ~~ainsi~~ alors la certitude de ce qu'on s'expose est égale à l'incertitude du gain, tant s'en faut qu'elle en soit infiniment distante. Et ainsi notre proposition est dans une force infinie, quand il y a l'~~infini à gagner~~ le fini à hasarder, ~~autant~~ à un jeu où il y a pareils hasards de gain que de perte, et l'infini à gagner.

Cela est démonstratif, et si les hommes sont capables de quelque vérité celle-là l'est.

– ~~Mais~~ Je le confesse, je l'avoue, mais encore... N'y a-t-il point moyen de voir le dessous du jeu? Oui, l'Écriture et le reste, etc. – Oui, mais j'ai les mains liées et la bouche ~~ferm~~ muette. On me force à parier, et je ne suis pas en liberté, on ne me relâche pas. ~~Il est vrai, mais~~ ~~mais~~ apprenez Et je suis fait d'une telle sorte que je ne puis croire. Que voulez-vous donc que je fasse? Il est vrai. ~~Mais vous ne pouvez croire~~ apprenez au moins que votre

Sempre que houver o infinito e não houver uma infinidade de chances de perda contra a de ganho, não há opção [*parti*] que se hesitar, é preciso dar tudo. Assim, quando se é forçado a jogar, é preciso antes renunciar à razão para escolher conservar a vida sem a arriscá-la pelo ganho infinito tão pronto a ocorrer quanto a perda do nada.

Porque de nada serve dizer que é incerto que se ganhará e que é certo que se arrisca e que a distância infinita existente entre a certeza do que se arrisca expõe e a incerteza do que se ganhará iguala o bem finito que se arrisca expõe certamente ao infinito que ~~pode ocorrer não é~~ é incerto. Isso não é assim. Todo jogo jogador arrisca com certeza para ganhar com incerteza e, entretanto, arrisca certamente o finito para ganhar incertamente o infinito o finito sem pecar contra a razão. Não há uma infinidade de distância entre essa certeza do que é exposto e a incerteza do ganho. Isso é falso. Na verdade, há uma infinidade entre a certeza de ganhar e a certeza de perder, a incerteza é o que faz e dá sentido à opção [*parti*] que determina ~~exatamente o que pertence e~~ mas a incerteza de ganhar é proporcional à certeza do que se arrisca, segundo a proporção das chances de ganho e de perda. Disso decorre que, se há tantas chances de um lado quanto do outro, a opção [*parti*] é jogar igual contra igual³ e, assim então, a certeza do que é exposto é igual à incerteza do ganho, o que é muito diferente de ser infinitamente distante. Assim, nossa proposição tem uma força infinita, quando há o infinito a ganhar finito a arriscar tanto num jogo em que há chances iguais de ganho e de perda, e o infinito a ganhar.

Isso é demonstrativo e, se os homens são capazes de alguma verdade, é desta.

– Contudo Admito, reconheço, mas ainda... Não há um meio de ver o que está por baixo do jogo? Sim, as Escrituras e o resto, etc. – Sim, mas estou com as mãos atadas e boca fechada emudecida. Sou forçado a apostar, não estou em liberdade, não me soltam. É verdade, mas mas aprendei Sou feito de tal maneira que não posso crer. O que quereis então que eu faça? É verdade. Contudo, não podeis crer aprendei ao menos que vossa

impuissance à croire, puisque ~~votre~~ la raison vous y porte et que néanmoins vous ne le pouvez, ~~ne vient pas du défaut de vos passions vous ne renverse-~~ riez pas la raison en croyant, puisqu'~~étant~~ obligé à croire ou à nier ne pas. Travaillez donc, non pas à ~~chercher~~ vous convaincre par l'augmentation des preuves de Dieu, mais par la diminution de vos passions. Vous voulez aller à la foi et vous n'en savez pas le chemin. Vous voulez vous guérir de l'infidélité et vous en demandez les remèdes. Apprenez ~~les~~ de ceux qui ont été liés comme vous et qui parient maintenant tout leur bien, ce sont gens qui savent ~~un~~ ce chemin que vous voudriez suivre et guéris d'un mal dont vous voulez guérir. ~~Prenez~~ Suivez la manière par où ils ont commencé. C'est en faisant tout comme s'ils croyaient, en prenant de l'eau bénite, en faisant dire des messes, etc. Naturellement ~~par là~~ même cela vous fera croire et vous abêtera. – Mais c'est ce que je crains. Et pourquoi? Qu'avez-vous à perdre? Mais pour vous montrer que cela y mène, c'est que cela diminue les passions qui sont vos grands obstacles, etc.

– Ô ce discours me transporte, me ravit, etc. Si ce discours vous plaît ~~et vous par~~ et vous semble fort, sachez qu'il est fait par un homme qui s'est mis à genoux auparavant et après, pour prier cet Être infini et sans parties, auquel il soumet tout le sien, de se soumettre aussi le ~~vôtre bien~~ votre, pour votre propre bien et pour sa gloire, et qu'ainsi la force s'accorde avec cette bassesse.

Fin de ce discours.

Or quel mal vous arrivera-t-il en prenant ce parti? Vous serez fidèle, honnête, humble, reconnaissant, bienfaisant, ami, sincère, véritable... À la vérité vous ne serez point dans les plaisirs empestés, dans la gloire, dans les délices. Mais n'en aurez-vous point d'autres?

Je vous dis que vous y gagnerez en cette vie, et qu'à chaque pas que vous ferez dans ce chemin, vous verrez tant de certitude de gain et tant de néant de ce que vous hasardez, que vous connaîtrez à la fin que vous avez

impotência para crer, dado que ~~vossa~~ a razão vos leva a crer e, entretanto, não podeis crer, ~~não advém do defeito de vossas paixões~~ ~~vós não destruírias a razão, crendo, pois, estando obrigado a crer ou a negar não~~⁶ Trabalhai então não para ~~buscar~~ vos convencer pelo aumento das provas de Deus, mas pela diminuição de vossas paixões. Quereis chegar à fé e não sabeis o caminho. Quereis vos curar da infidelidade e demandais os remédios. Aprendei ~~os~~ com aqueles que estiveram atados como vós e que agora apostam todo o seu bem, essas são pessoas que conhecem ~~um~~ o caminho que gostaríeis de seguir e que estão curadas de um mal de que quereis vos curar. ~~Tomai~~ Segui a maneira pela qual começaram: fazendo tudo como se acreditassem, tomando água benta, solicitando missas, etc. Naturalmente ~~dessa forma~~ isso mesmo vós fará crer e vos bestificará. – Mas é o que eu temo. E por quê? O que tendes a perder? Mas, para vos mostrar que isso leva a crer, é porque isso diminui as paixões, que são vossos grandes obstáculos, etc.

– Ó, esse discurso me transporta, me arrebatava, etc. Se esse discurso vos agrada e ~~vos soa~~ e vos parece forte, sabeis que foi feito por um homem que se colocou de joelhos antes e depois para rogar a esse Ser infinito e sem partes, ao qual submete todo o seu, para também submeter o ~~vosso bem~~ vosso para vosso próprio bem e para sua glória e para que, assim, a força se concilie com essa baixaza.

Fim desse discurso.

Ora, que mal vos ocorrerá fazendo essa opção [*parti*]?⁷ Sereis fiel, honrado, humilde, agradecido, benfazejo, amigo, sincero, verdadeiro... Na verdade, não estareis nos prazeres empesteados, na glória, nas delícias, mas não tereis outros?

Digo-vos que os ganhareis nesta vida e que, a cada passo que derdes nesse caminho, vereis tanta certeza de ganho e tanta nulidade no que arriscais que sabereis ao final que apostastes por uma coisa certa,

parié pour une chose certaine, infinie, pour laquelle vous n'avez rien donné.

N'y a-t-il point une vérité substantielle, voyant tant de choses vraies qui ne sont point la vérité même?

[Laf 422] On a bien de l'obligation à ceux qui avertissent des défauts. Car ils mortifient; ils apprennent qu'on a été méprisé, ils n'empêchent pas qu'on ne le soit à l'avenir, car on a bien d'autres défauts pour l'être. Ils préparent l'exercice de la correction, et l'exemption d'un défaut.

[Laf 419] La coutume est la nature. Qui s'accoutume à la foi la croit, il et ne peut plus ne pas craindre l'enfer, et ne croit autre chose. Qui s'accoutume à croire que le roi est terrible, etc. Qui doute donc que notre âme, étant accoutumée à voir nombre, espace, mouvement, croie cela et rien que cela?

[Laf 420] Croyez-vous qu'il soit impossible que Dieu soit infini, sans parties? – Oui. Je vous veux une image de Dieu en son immensité donc faire voir une chose infinie et indivisible.

C'est un point **remuant** se mouvant partout d'une vitesse infinie.

Car il est un en tous lieux et est tout entier en chaque endroit.

Que cet effet de nature, qui vous **êtes** semblait impossible auparavant, vous fasse connaître **comment** qu'il peut y en avoir d'autres que vous ne connaissez pas encore. Ne tirez pas cette conséquence de votre apprentissage qu'il ne vous reste rien à savoir, mais qu'il vous reste infiniment à savoir.

infinita, pela qual nada destes.

Não há uma verdade substancial, vendo-se tantas coisas verdadeiras que não são a verdade mesma?

[Laf 422] Temos de agradecer àqueles que advertem das faltas, pois eles mortificam, eles ensinam que fomos desprezados, eles não impedem que o sejamos no futuro, pois temos muitas outras faltas para sê-lo. Eles preparam o exercício da correção e a remoção das faltas.

[Laf 419] O costume é a natureza. Quem se acostuma com a fé crê nela etc e não pode mais não temer o inferno e não crê noutra coisa. Quem se acostuma a crer que o rei é terrível, etc. Quem duvida então que nossa alma, estando acostumada a ver número, espaço, movimento, creia nisso e em nada senão nisso?

[Laf 420] Credes que seja impossível que Deus seja infinito, sem partes? – Sim. Quero vos uma imagem de Deus em sua imensidão mostrar então uma coisa infinita e indivisível.

É um ponto movimentando movendo-se em toda parte com uma velocidade infinita.

Pois ele é uno em todos os lugares e está por completo em cada lugar.

Que esse efeito natural, que vos é parecia impossível antes, faça-vos saber como que pode haver outros que não conheceis ainda. Não extraiais de vosso aprendizado a consequência de que nada vos resta a saber, mas que vos resta infinitamente a saber.

[Laf 421] Il est faux que nous soyons ~~plus~~ dignes que les autres nous aiment. Il est injuste que nous le voulions. Si nous naissons raisonnables et indifférents, et connaissant nous et les autres, nous ne donnerions point cette inclination à notre volonté. Nous naissons pourtant avec elle, nous naissons donc injustes. ~~Comment se peut~~ Car tout tend à soi. Cela est contre tout ordre. Il faut tendre au général, et la pente vers soi est le commencement de tout désordre, en guerre, en police, en économie, dans le corps particulier de l'homme.

La volonté est donc dépravée. Si les membres des communautés naturelles et civiles tendent au bien du corps, les communautés elles-mêmes doivent tendre à un autre corps plus général dont elles sont membres. ~~Les hommes~~ L'on doit donc tendre au général. Nous naissons donc injustes et dépravés.

[Laf 421 (*bis*)] Nulle religion que la nôtre n'a enseigné que l'homme naît en péché. Nulle secte de philosophes ne l'a dit. Nulle n'a donc dit vrai.

Nulle secte ni religion n'a toujours été sur la terre que la religion chrétienne.

[Laf 426] Il n'y a que la religion chrétienne qui rende l'homme aimable et heureux tout ensemble. Dans l'honnêteté il on faut ne peut être ~~ou haïssable ou malheureux~~ aimable et heureux ensemble.

[La 424] C'est le cœur qui sent Dieu et non la raison. Voilà ce que c'est que la foi. Dieu sensible au cœur, non ~~fa~~ à la raison.

[La 423] Le cœur a ses raisons ~~le cœur~~ ~~on~~ que la raison ne connaît point: on le sait en mille choses.

[Laf 421] É falso que sejamos mais dignos de que os outros nos amem. É injusto que queiramos isso. Se nascêssemos razoáveis e indiferentes, conhecendo a nós e aos outros, não daríamos essa inclinação à nossa vontade. Nascemos com ela, todavia, nascemos injustos, portanto. ~~Como pode~~ Pois tudo tende a si. Isso é contra toda ordem. É preciso tender ao geral e a inclinação para si é o começo de toda desordem: na guerra, no governo, na economia, no corpo particular de um homem.

A vontade está, portanto, depravada. Se os membros das comunidades naturais e civis tendem ao bem do corpo, as próprias comunidades devem tender a um outro corpo mais geral de que são membros. ~~O~~ ~~homens~~ Deve-se então tender ao geral. Nascemos, portanto, injustos e depravados.

[Laf 421 *bis*] Nenhuma religião senão a nossa ensinou que o homem nasce em pecado. Nenhuma seita de filósofos disse isso. Nenhuma, portanto, disse a verdade.

Nenhuma seita ou religião esteve sempre sobre a terra senão a religião cristã.

[Laf 426] Somente a religião cristã torna o homem amável e feliz conjuntamente. Na honradez,⁸ é preciso não se pode ser ~~ou odiável ou infeliz~~ amável e feliz conjuntamente.

[Laf 424] É o coração que sente Deus, não a razão. Eis o que é a fé: Deus sensível ao coração, não a à razão.

[Laf 423] O coração tem suas razões ~~o~~ ~~coração~~ que a razão desconhece: sabe-se disso em mil coisas.

Je dis que le cœur aime ~~natur~~ l'être universel ~~quand il s'y adonne~~ naturellement et soi-même naturellement selon qu'il s'y adonne, et il se durcit contre l'un ou l'autre à son choix. Vous avez rejeté l'un et conservé l'autre. Est-ce par raison que vous vous aimez?

[La 425] La seule science qui est contre le sens commun et la nature des hommes, ~~a toujours~~ est la seule qui ait toujours subsisté parmi les hommes.

Laf 11 (LG 9, Sel 45)

Ordre.

Après la lettre qu'on doit chercher Dieu, faire la lettre d'ôter les obstacles, qui est le discours de la machine, de préparer la machine, de chercher par raison.

Laf 152 (LG 142, Sel 185)

Entre nous et l'enfer ou le ciel il n'y a que la vie entre deux qui est la chose du monde la plus fragile.

Laf 153 (LG 143, Sel 186)

Que me promettez-vous enfin ~~sinon dix ans~~, car dix ans est le parti, sinon dix ans d'amour propre, à bien essayer de plaire sans y réussir, outre les peines certaines?

Laf 154 (LG 144, Sel 187)

Partis.

Digo que o coração ama naturalmente o ser universal ~~quando ele a~~
~~isso se dedica~~ naturalmente e a si mesmo naturalmente, conforme aquilo a
que se dedica, e ele se endurece contra um ou outro à sua escolha. Rejeitas-
tes um e conservastes o outro. É pela razão que vos amais?

[Laf 425] A única ciência que é contra o senso comum e a natureza
dos homens ~~sempre~~ é a única que sempre subsistiu entre os homens.

Laf 11 (LG 9, Sel 45)

Ordem.

Depois da carta de que se deve buscar a Deus, fazer a carta de reti-
rar os obstáculos, que é o discurso da máquina, de preparar a máquina, de
buscar pela razão.

Laf 152 (LG 142, Sel 185)

Entre nós e o inferno ou o céu, não há senão a vida de entremeio,
que é a coisa mais frágil do mundo.

Laf 153 (LG 143, Sel 186)

O que vós me prometeis, enfim, ~~senão dez anos~~, pois dez anos é a
opção [*parti*],⁹ senão dez anos de amor-próprio, tentando muito agradar
sem conseguir, além das penúrias certas?

Laf 154 (LG 144, Sel 187)

Opções [*Partis*]¹⁰

Il faut vivre autrement dans le monde, selon ces diverses suppositions :

1. S'il est sûr qu'on y sera toujours Si on pouvait y être toujours.

2. [~~S'il est incertain si on y sera toujours ou non.~~]

Faux

3. [S'il est sûr qu'on n'y sera pas toujours, mais qu'on soit assuré d'y être longtemps.]

4. [~~S'il est certain qu'on n'y sera pas toujours et incertain qu'on n'y si on y sera pas longtemps.~~]

5. S'il est sûr qu'on n'y sera pas longtemps, mais et incertain si on y sera une heure.

Cette dernière proposition et la nôtre

[La 155] Cœur.

Instinct.

Principes.

Laf 158 (LG 147, Sel 190)

Par les partis vous devez vous mettre en peine de rechercher la vérité, car si vous mourez sans adorer le vrai principe vous êtes perdu. Mais, dites-vous, s'il avait voulu que je l'adorasse il m'aurait laissé des signes de sa volonté. Aussi a-t-il fait qu'on, mais vous les négligez. Écoutez Cherchez-les donc, cela le vaut bien.

É preciso viver diferentemente no mundo, segundo estas diversas suposições:

1. ~~Se é certo que nele estaremos sempre~~ Se pudéssemos estar nele sempre.

2. [~~Se é incerto se estaremos nele sempre ou não~~]

Falsas

3. [~~Se é certo que nele não estaremos sempre, mas que estejamos seguros de estar nele por muito tempo~~]

4. [~~Se é certo que nele não estaremos sempre e incerto que se nele estaremos por muito tempo~~]¹¹

5. Se é certo que nele não estaremos por muito tempo, mas e incerto se nele estaremos por uma hora.

Essa última suposição é a nossa.

[Laf 155] Coração.

Instinto.

Princípios.

Laf 158 (LG 147, Sel 190)

Pelas opções [*partis*],¹² deveis vos dar o trabalho de buscar a verdade, pois, se morrerdes sem adorar o verdadeiro princípio, estais perdido. Contudo, dizeis, se ele tivesse querido que eu o adorasse, ele me teria deixado sinais de sua vontade. Assim ele fez ~~que nós~~, mas vós os negligenciais. Escutai Buscai-os então, isso vale bem a pena.

Laf 159 (LG 148, Sel 191)

Si on doit donner huit jours de la vie on doit donner cent ans.

Laf 160 (LG 149, Sel 192)

Il n'y a ~~que deux sortes de personnes raisonnables~~ trois sortes de personnes: les uns qui servent Dieu l'ayant trouvé, les autres qui s'emploient à le chercher ne l'ayant pas trouvé, les autres qui vivent sans le chercher ni l'avoir trouvé. Les ~~deux~~ premiers sont raisonnables et heureux, les derniers sont fous et malheureux. Ceux du milieu sont malheureux et raisonnables.

Laf 234 (LG 219, Sel 266)

Dieu veut plus disposer la volonté que l'esprit, la clarté parfaite servirait à l'esprit et nuirait à la volonté.

Abaissier la superbe.

Laf 284 (LG 267, Sel 316)

La seule religion contre la nature, contre le sens commun, contre nos plaisirs est la seule qui ait toujours été.

Laf 326 (LG 307, Sel 358)

Et ce qui couronne tout cela est la prédiction afin qu'on ne dit point que c'est le hasard qui l'a fait.

Quiconque n'ayant plus que huit jours à vivre ne ~~croir~~ trouvera pas que le parti est de croire que tout cela n'est pas un coup du hasard.

Laf 159 (LG 148, Sel 191)

Se devemos dar oito dias da vida, devemos dar cem anos.

Laf 160 (LG 149, Sel 192)

Não há ~~senão dois tipos de pessoas razoáveis~~¹³ três tipos de pessoas: uns servem a Deus, tendo-o encontrado; outros se dedicam a buscá-lo, não o tendo encontrado; outros vivem sem buscá-lo nem tê-lo encontrado. Os dois primeiros são razoáveis e felizes; os últimos, loucos e infelizes; os do meio, infelizes e razoáveis.

Laf 234 (LG 219, Sel 266)

Deus quer dispor mais a vontade do que o espírito, a clareza perfeita serviria para o espírito e prejudicaria a vontade.

Rebaixar a soberba.

Laf 284 (LG 267, Sel 316)

A única religião contra a natureza, contra o senso comum, contra nossos prazeres é a única que sempre existiu.

Laf 326 (LG 307, Sel 358)

E o que coroa tudo isso é a predição a fim de que não se diga que é o acaso que a fez.

Qualquer pessoa que, não tendo mais do que oito dias para viver, não acreditará achará que a opção [*parti*] é crer que tudo isso não é um golpe do acaso?¹⁴

Or si les passions ne nous tenaient point, huit jours et cent ans sont une même chose.

Laf 577 (LG 494, Sel 480)

S'il ne fallait rien faire que ~~de~~ pour le certain on ne devrait rien faire pour la religion, car elle n'est pas certaine. Mais combien de choses fait-on pour l'incertain. Les voyages sur mer, les batailles. Je dis donc qu'il ne faudrait rien faire du tout, car rien n'est certain et qu'il y a plus de certitude à la religion que non pas ~~qu'il soit demain jour~~ que nous voyions le jour de demain.

Car il n'est pas certain ~~qu'il fera~~ que nous voyions ~~demain jour~~, mais il est certainement possible que nous ne le voyions pas. On n'en peut pas dire autant de la religion. Il n'est pas certain qu'elle soit. Mais qui osera dire qu'il est certainement possible qu'elle ne soit pas?

Or quand on travaille pour demain et pour l'incertain ~~on~~ on agit avec raison, car on doit travailler pour l'incertain, par la règle des partis qui est démontrée.

Saint Augustin a vu qu'on travaille pour l'incertain sur mer, en bataille, etc. Mais il n'a pas vu ~~pour qu~~ la règle des partis qui démontre qu'on le doit. Montaigne a vu qu'on s'offense d'un esprit boiteux et que la coutume peut tout, mais il n'a pas vu la raison de cet effet.

Toutes ces personnes ont vu les effets mais ils n'ont pas vu les causes. ~~Et quoi que~~ Ils sont à l'égard de ceux qui ont découvert les causes comme ceux qui n'ont que les yeux à l'égard de ceux qui ont l'esprit. Car les effets sont comme sensibles et les causes sont visibles seulement à l'esprit. ~~ils sont~~ Et quoique ces effets-là se voient par l'esprit, cet esprit est à l'égard de l'esprit qui voit les causes comme les sens corporels à l'égard de l'esprit.

Ora, se as paixões não nos dominassem, oito dias e cem anos seriam uma mesma coisa.

Laf 577 (LG 494, Sel 480)

Se não se devesse fazer nada senão ~~de~~ pelo certo, não se deveria fazer nada pela religião, pois ela não é certa. Contudo, quantas coisas são feitas pelo incerto! As viagens no mar, as batalhas. Digo então que absolutamente nada se deveria fazer, pois nada é certo, e que há mais certeza na religião do que ~~de que haja o dia de amanhã~~ em vermos o dia de amanhã.

Pois não é certo ~~que haverá~~ que vejamos o ~~dia de~~ amanhã, mas é certamente possível que não o vejamos. Não se pode dizer o mesmo da religião. Não é certo que ela exista, mas quem ousará dizer que é certamente possível que não exista?

Ora, quando se trabalha pelo amanhã e pelo incerto, ~~se~~ se age com razão, pois se deve trabalhar pelo incerto com base na regra das partilhas [*règle des partis*],¹⁵ que está demonstrada.

Santo Agostinho viu que se trabalha pelo incerto no mar, na batalha, etc.¹⁶ Contudo, não viu ~~por que~~ a regra das partilhas [*règle des partis*], que demonstra que se deve fazê-lo. Montaigne viu que um espírito coxo causa ofensa e que o costume tudo pode,¹⁷ mas não viu a razão desse efeito.

Todas essas pessoas viram os efeitos, mas não viram as causas. ~~E,~~ ~~embora~~ Elas estão para aqueles que descobriram as causas como os que têm apenas olhos estão para aqueles que têm o espírito, pois os efeitos são como que sensíveis e as causas são visíveis somente para o espírito. ~~Eles estão~~ E, embora esses efeitos sejam vistos pelo espírito, esse espírito está para o espírito que vê as causas como os sentidos corporais estão para o espírito.

Laf 808 (LG 664, Sel 655)

Il y a trois moyens de croire: la raison, la coutume, l'inspiration ~~la~~ ~~révélation~~. La religion chrétienne, qui seule a la raison, n'admet point pour ses vrais enfants ceux qui croient sans inspiration. Ce n'est pas qu'elle exclue la raison et la coutume, au contraire; mais il faut ouvrir son esprit ~~à la~~ aux preuves, s'y ~~dispo~~ confirmer par la coutume; mais s'offrir par les humiliations aux inspirations, qui seules peuvent faire le vrai et salutaire effet: *Ne evacuetur crux Christi.*

Laf 816 (LG 669, Sel 659)

J'aurais bientôt quitté les plaisirs, disent-ils, si j'avais la foi. Et moi je vous dis: Vous auriez bientôt la foi si vous aviez quitté les plaisirs. Or c'est à vous à commencer. Si je pouvais, je vous donnerais la foi. ~~Vous~~ Je ne puis ~~épro~~ le faire, ni partant éprouver la vérité de ce que vous dites, mais vous pouvez bien quitter les plaisirs et éprouver si ce que je dis est vrai.

Laf 821 (LG 671, Sel 661)

Car il ne faut pas se méconnaître, nous sommes automate autant qu'esprit. Et de là vient que l'instrument par lequel la persuasion se fait n'est pas la seule démonstration. Combien y a-t-il peu de choses démontrées! Les preuves ne convainquent que l'esprit. La coutume fait nos preuves les plus fortes et les plus crues: elle incline l'automate qui entraîne l'esprit sans qu'il y pense. Qui a démontré qu'il sera demain jour et que nous mourrons, et ~~qu'il~~ qu'y a-t-il de plus cru? C'est donc la coutume qui nous en persuade. C'est elle qui fait tant de chrétiens, c'est elle qui fait les Turcs, les païens, les métiers, les soldats, etc.

Il y a la foi reçue dans le baptême de plus aux chrétiens qu'aux païens.

Laf 808 (LG 664, Sel 655)

Há três meios de crer: a razão, o costume e a inspiração ~~a revelação~~. A religião cristã, única que tem a razão, não admite como seus verdadeiros filhos aqueles que creem sem inspiração. Não é que ela exclua a razão e o costume, ao contrário; mas é preciso abrir o próprio espírito para a as provas, ~~e elas se dispõem~~ nelas se confirmar pelo costume,¹⁸ mas se oferecer pelas humilhações às inspirações, a única coisa que pode causar o verdadeiro e salutar efeito, *ne evacuetur crux Christi*.¹⁹

Laf 816 (LG 669, Sel 659)

Eu teria prontamente abandonado os prazeres, dizem eles, se tivesse a fé. Quanto a mim, eu vos digo: teríeis prontamente a fé, se tivésseis abandonado os prazeres. Ora, cabe a vós começar. Se pudesse, eu vos daria a fé. ~~Vós~~ Não posso testar fazê-lo, nem, por conseguinte, testar a verdade do que dizeis, mas bem podeis abandonar os prazeres e testar se o que digo é verdadeiro.

Laf 821 (LG 671, Sel 661)

Pois é preciso não nos enganarmos, somos autômato tanto quanto espírito. E disso decorre que o instrumento pelo qual se faz a persuasão não é a demonstração apenas. Quão poucas coisas há demonstradas! As provas só convencem o espírito. O costume torna as nossas provas mais fortes e acreditadas, ele inclina o autômato que leva o espírito sem que este pense nisso. Quem demonstrou que haverá o dia de amanhã e que morreremos? ~~Isso~~ Há algo em que se acredite mais? É o costume, portanto, que nos persuade disso. É ele que faz tantos cristãos, é ele que faz os turcos, os pagãos, os artesãos, os soldados, etc.

Em comparação com os pagãos, os cristãos têm a mais a fé recebida no batismo.

Enfin il faut avoir recours à elle, quand une fois nous avons l'esprit a vu où est la vérité, afin de nous en abreuver et nous teindre de cette créance qui nous échappe à toute heure, car d'en avoir toujours les preuves présentes, c'est trop d'affaire. Il faut acquérir une créance plus facile qui est celle de l'habitude qui, sans violence, sans art, sans argument, nous en fait croire toutes les choses et incline toutes nos puissances à cette croyance, en sorte que notre âme y tombe naturellement. Quand on ne croit que par la force de la conviction et que l'automate est incliné à croire le contraire, ce n'est pas assez. Il faut donc faire croire nos deux pièces: l'esprit, par démonstration les raisons qu'il suffit d'avoir vues une fois en sa vie, et l'automate, par la coutume et en ne lui permettant pas de s'incliner au contraire. *Inclina cor meum Deus.*

La raison agit avec lenteur et avec tant de vues sur tant de principes, lesquels il faut qu'ils soient toujours présents, qu'à toute heure elle s'assoupit ou s'égare, manque d'avoir tous ses principes présents. Le sentiment n'agit pas ainsi. Il agit en un instant et toujours est prêt à agir. Il faut donc faire mettre notre foi dans le sentiment, autrement elle sera toujours vacillante.

Laf 944 (LG 732, Sel 767)

Il faut que l'extérieur soit joint à l'intérieur pour obtenir de Dieu; c'est-à-dire que l'on se mette à genoux, prie des lèvres, etc., afin que l'homme orgueilleux qui n'a voulu se soumettre à Dieu soit maintenant soumis à la créature. Attendre de cet extérieur le secours est être idolâtre superstitieux; ne vouloir pas le joindre à l'intérieur est être superbe.

Enfim, é preciso recorrer a ele,²⁰ quando uma vez temos o espírito viu onde a verdade está, a fim de nos embeber dela e nos tingir com essa crença que nos escapa a todo tempo, pois ter dela as provas sempre presentes é uma tarefa demasiado grande. É preciso adquirir uma crença mais fácil, que é a do hábito, o qual, sem violência, sem artifício, sem argumento, nos ~~in~~ faz crer ~~em~~ todas nas coisas e inclina todos os nossos poderes para essa crença, de modo que nossa alma nela cai naturalmente. Quando só se acredita pela força da convicção e o autômato está inclinado a crer no contrário, isso não é suficiente. É preciso então fazer com que nossas duas partes creiam: o espírito, pela demonstração pelas razões que basta ter visto uma vez na vida; o autômato, pelo costume, sem lhe permitir que se incline para o contrário. *Inclina cor meum Deus.*²¹

A razão age com lentidão e com tantas vistas sobre tantos princípios, os quais é preciso que estejam sempre presentes, que a todo momento ela adormece ou se extravia por não ter todos os seus princípios presentes. O sentimento não age assim. Ele age num instante e está sempre pronto para agir. É preciso, portanto, fazer colocar nossa fé no sentimento, de outro modo ela sempre será vacilante.

Laf 944 (LG 732, Sel 767)

É preciso que o exterior se una ao interior para obter de Deus, isto é, é preciso se colocar de joelhos, rezar com os lábios, etc. a fim de que o homem orgulhoso, que não quis se submeter a Deus, agora esteja submetido à criatura. Esperar do exterior a ajuda é ser ~~idôlatra~~ supersticioso; não querer uni-lo ao interior é ser soberbo.

NOTAS DE TRADUÇÃO

1. Cf. *1 Coríntios 1:18*: “com efeito, a linguagem da cruz é loucura (*verbum enim crucis... stultitia est*) para aqueles que se perdem, mas, para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus”.

2. O núcleo do fragmento é constituído por um diálogo. As curtas intervenções do descrente foram marcadas por Descotes e Proust com a inserção de um travessão.

3. Encerra-se aqui o que pode ser considerada a primeira parte da argumentação, que Gouhier (1984, p. 252) chama de “existencial”. Para Le Guern, como se lê em nota à sua edição dos *Pensamentos*, essa parte inicial consistiria na “redação primitiva do argumento da aposta”. A seguir, ocorre um aprofundamento do raciocínio por meio de uma reflexão matemática mais sofisticada. Para um detalhamento dessa reflexão matemática, cf. Oliva (2019) e, em particular, Thirouin (2011, p. 130-147).

4. Afirmar que qualquer outra opção está excluída significa que não há alternativa racional à aposta. É por isso que não ter opção equivale a não hesitar, conforme se infere do trecho riscado na linha seguinte: como alguém poderia ficar incerto acerca da decisão a tomar, se há apenas uma alternativa racional entre as disponíveis? Nas traduções consultadas, Milliet e Laranjeira vertem *parti* por *escolha*; Levi, por *choice*. Romano recorre a *posta in gioco* e escreve uma nota sobre a *règle des partis*.

5. Outra tradução possível: *a decisão é para ser tomada em bases iguais*. Passagem difícil, suas traduções variam: *a partida deve ser jogada em paradas iguais* (Milliet), *a partida está para ser jogada de igual para igual* (Laranjeira), *the odds are even* (Levi), *la posta in gioco è pari a pari* (Romano).

6. Lafuma, Le Guern e Sellier propõem a seguinte continuação para o período: “advém de vossas paixões”. A sequência do parágrafo deixa claro que Pascal atribui às paixões a resistência a crer, de modo que parte do texto riscado talvez o tenha sido por engano.

7. Novamente, as traduções variam: ...*tomando/se tomar esse partido?* (Milliet e Laranjeira), ...*taking this course?* (Levi) e ...*se assumete questa decisione?* (Romano).

8. Na *honnêteté*, ou seja, quando se é um *honnête homme*.

9. Nesta ocorrência e nas seguintes, com uma única exceção, Milliet e Laranjeira traduzem *parti* por *partido*. Levi e Romano adotam aqui, respectivamente, *for ten years is what we decided* e *dato che la posta nel gioco è dieci anni*.

10. Levi adota *stakes*. Romano novamente recorre a *poste in gioco*.

11. No manuscrito, os trechos entre colchetes encontram-se riscados com um longo traço vertical. Reforçada pela inserção de *falsas* entre as linhas referentes às opções dois e três, a exclusão das opções intermediárias revela o desenvolvimento do raciocínio acerca da aposta.

12. Levi: *according to the odds*. Romano: *secondo il calcolo delle poste in gioco*.

13. Como fica claro pelo conteúdo do fragmento, Pascal riscou *senão* por engano.

14. Novamente, trata-se de uma passagem cujo sentido não é claro. Segue-se aqui a proposta de Le Guern, que lhe acrescenta uma interrogação. No que se refere à tradução de *parti*, Milliet adota *solução*, Laranjeira mantém *partido*. Levi não traduz o presente fragmento. Já Romano omite o termo: *non penserà forse che è meglio credere che tutto ciò non sia avvenuto per caso?*

15. Nessa ocorrência da expressão *règle des partis*, Milliet e Laranjeira mantêm a tradução de *parti* por *partido*, donde *regra dos partidos*. Levi adota *laws of probability* (em seguida, *law of probabilities*); Romano, *la regola delle poste in gioco*.

16. Como indicam Le Guern e Sellier nas notas às suas respectivas edições, Pascal pensa aqui no *Sermão* 70.2, de Agostinho, no qual se fala em sol-

dados que enfrentam as agruras da guerra esperando um “repouso lânguido e incerto” e em comerciantes que encaram tempestades e mares revoltos para obter “riquezas de vento”. O “etc.” remete aos dois outros exemplos de Agostinho na sequência do sermão: caçadores que se desgastam para, na maior parte das vezes, abater presas que não servem de alimento e satisfazem apenas a imaginação; e estudantes que se submetem a privações para conquistar poderes e honrarias.

17. Novamente conforme as indicações de Le Guern e Sellier, Pascal alude a duas passagens dos *Ensaíos*, de Montaigne: “[B] Sim, mas por que não nos irritamos ao deparar com alguém que tenha o corpo torto e malfeito, e não podemos suportar o encontro com um espírito mal disciplinado sem nos encolezarmos?” (Montaigne, 2001, p. 215 = III, 8, ed. Pierre Villey, p. 929), “[A] Em suma, na minha opinião, não há coisa alguma que ele [o costume] não faça ou que não possa” (Montaigne, 2002, p. 172 = I, 23, ed. Pierre Villey, p. 115).

18. Outra tradução possível: “~~a ela se~~ *dispor* nela se confirmar”.

19. Cf. *1 Coríntios 1:17*: “Pois não foi para batizar que Cristo me enviou, mas para anunciar o Evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo (*ut non evacuetur crux Christi*)”.

20. Isto é, ao costume. No original, *elle*, já que *coutume* em francês é um substantivo feminino.

21. “Inclina meu coração, ó Deus”. Segundo Le Guern e Sellier nas notas às suas respectivas edições, Pascal cita um responso litúrgico baseado no *Salmo 119:36*: “Inclina meu coração (*inclina cor meum*) para os teus testemunhos e não para o proveito”.

Referências bibliográficas

- Cantillon, A. (2014a). *Le Pari-de-Pascal: étude littéraire d'une série d'énonciations*. Paris: Vrin.
- _____. (2014b). I - Ponctuer; Le Guern: l'impossible dialogisme. *Les Dossiers du Grihl*, 8-2. DOI: <https://doi.org/10.4000/dossiersgrihl.5478>
- _____. (2014c). II - Ponctuer; Lafuma: différer l'énonciation. *Les Dossiers du Grihl*, 8-2. DOI: <https://doi.org/10.4000/dossiersgrihl.5479>
- Cortese, J. (2023). *Infini et disproportion chez Pascal*. Paris: Honoré Champion, 2023.
- Descotes, D., Proust, G. (Dir.). *Les "Pensées" de Blaise Pascal*. Disponível em: <http://www.penseesdepascal.fr/index.php> Acesso em: 4-5 de julho de 2023.
- Gouhier, H. (1984). *Blaise Pascal: commentaires*. Paris, Vrin.
- Montaigne, M. (2001, v. III; 2002, v. I). *Ensaíos*. Tradução: Rosemary C. Abílio. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1999). *Essais*. 3^e édition corrigée. Edição: Pierre Villey. Paris: Quadrige-PUF.
- Oliva, L. (2019). Considerações sobre a aposta de Pascal. *Cadernos Espinosanos*, n. 40, p. 15-33.
- Pascal, B. (1970, t. II). *Œuvres complètes*. Edição: Jean Mesnard. Paris: Desclée de Brouwer.
- _____. (1979). *Pensamentos*. Tradução: Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores.)
- _____. (1992). *Pensées*. Edição: Philippe Sellier. In: LAFOND, J. (Ed.) *Moralistes du XVII^e siècle*. Paris: Éditions Robert Laffont.
- _____. (1995). *Pensées and other writings*. Tradução: Honor Levi. Oxford: Oxford University Press.
- _____. (2001). *Pensamentos*. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2004). *Pensées*. Edição: Michel Le Guern. Paris: Gallimard.

- _____. (2020). Pensieri. In: PASCAL, B. *Opere Complete*. Tradução: Maria Vita Romeo. Milano: Bompiani.
- Sellier, Ph. (1992). L'ouverture de l'apologie pascalienne. *XVII Siècle*, n. 172, p. 437-449.
- Thirouin, L. (2011). *Le hasard et les règles: le modèle du jeu dans la pensée de Pascal*. Deuxième édition augmentée. Paris: Vrin.